

# ATÉ QUE FOI ABRIL

————— Marília Gonçalves

Como duvidar de Abril? Como duvidar do futuro ridente de Portugal? Abril é uma conquista que nunca se perderá! Poderá passar e atravessar trilhos tortuosos, mas há-de erguer-se sempre à luz do dia.

Porque Abril foi a palavra justa que restituiu a voz a todos os que a dor tinha silenciado.

Eu fui apenas uma entre casos e casos sem fim de crianças de quem conheço histórias que só muita maldade podia provocar.

Essa maldade que fechava os olhos ao povo de Portugal era o “salazarismo”, o fascismo de uma hipocrisia ímpar, de falsos sorrisos e de palavras que se fingiam mansas para enganar incautos.

Os outros, os muitos outros, os que sabiam, calaram e participaram, mesmo para a consciência própria que durante anos não tiveram, no momento da morte, às vezes, ela acorda de dedo acusador e eu não queria estar no lugar deles.

Vou agora regressar a esse saudoso Dia, tão impregnado do que passou a influir em tudo quanto éramos e em todas as nossas Esperanças, que vinham tornar realidade tão antigas Lutas!

O Rui, meu marido, tinha saído de casa havia meia dúzia de minutos.

Eu, com as crianças, começava também o dia. A mais velha, de seis anos, seguida de um rapazinho de cinco e de uma bebé que pouco passava do ano.

Nisto o telefone tocou. Estranhei, pois era cerca das nove horas e cinco minutos e não era costume o dito tocar assim tão cedo.

Era o Rui que, numa voz estranha, me perguntou:- “Sabes o que aconteceu?”.

Assim de repente, a inesperada pergunta não encontrou em mim resposta que a satisfizesse. E foi o meu marido, que em voz excitada mas alegre, me disse: “Está a dar-se um golpe de Estado”. E foi um oceano de emoções que despertou em mim. A voz presa na garganta, apenas me permitiu dizer: “Espera que vou já para aí”.

Entretanto, o que se passaria com o meu pai, vítima do fascismo e exilado em Paris?

O meu irmão acabava de descer as escadas para ir para as aulas. O nosso pai estava a fazer a barba e tinha o rádio ligado. O meu irmão ia para sair pela porta que dava para a rua mas, nesse momento, ouviu um grito tão forte que pensou que tinha dado algum ataque ao pai. Subiu a escada, que acabara de descer, a uma velocidade que o medo ampliou. Quando chegou junto do pai, encontrou-o numa indescritível alegria. A euforia dava-lhe um colorido novo à voz: “Há um golpe de estado em Portugal!” Depois, foi a alegria e a esperança que contagiaram toda a família; e preparou-se a vinda de meu pai para Portugal, em Maio.

E as crianças e eu lá fomos para a rua em direcção ao trabalho de meu marido.

No caminho, ao chegar à Pontinha (Faro) encontrei o Sebastião, colega na Direcção do Círculo Cultural do Algarve. Vinha ainda com uns restos de sono colados aos olhos e quando lhe perguntei se estava ao corrente do que estava a acontecer em Portugal, e ante a resposta negativa, disse-lhe o pouco que sabia e vi-o retomar o caminho do Liceu, onde era Professor de Economia.

Fomos andando para o trabalho do Rui. Ao chegarmos vinham a descer as escadas todas as funcionárias que tinham recebido instruções de irem para suas casas. A partir daí, eu era a única mulher presente no edifício.

Quando cheguei junto do Rui e dos colegas, encontrei todos entusiasmados, as frases cruzavam-se e todos falavam para familiares ou amigos em Lisboa, para ver se alguém estava mais informado ou se viam algo nas ruas que pudesse encontrar eco nos presentes.

Logo alguém fez o reparo de que na rádio se estava a ouvir militares a comunicarem entre eles. Prestámos a maior atenção, mas as mensagens eram em código e não conseguíamos perceber nada.

A manhã foi decorrendo e nisto senti a necessidade de ir para a rua. Queria ver a temperatura do dia entre as gentes da rua.

A vida decorria aparentemente tranquila na manhã do sul algarvio, onde por aquelas horas o sol se via, enquanto se esperava a luz.

Depois de ter comprado algo que se almoçasse, aquela família de Abril que se encontrava reunida sempre à espera de mais novas, voltei ao local onde os meus filhos me esperavam também.

Assim, quando cheguei, ainda me puseram a par das conversas com Lisboa e ligou-se a uma tia que morava mesmo em frente do Quartel da Penha de França, que nos contou o pouco que sabia. O que todos notámos no decorrer

da manhã foi que quer se falasse com familiares ou com colegas, aquela voz alegre, estreada naquela manhã, a primeira de Abril, era uma constante que nos sabia e fazia bem.

Depois, para a tarde, houve a primeira manifestação, com a malta reunida ali perto entre o Aliança e o Hotel Faro. Chuviscava, mas o que eram umas gotas de água sobre a nossa alegria?

Rostos conhecidos nos quais já se lia Abril. Esse magnífico Abril que tantas conquistas nos traria, a primeira das quais era ali no imediato: a Liberdade.

Era tanta a confiança que tinha amadurecido em cada cidadão no seu amor a Portugal, que nem nos passava pela cabeça que o sonho que ora vivíamos podia ainda estar ameaçado.

A seguir a família – pai, mãe e filhos – foi para casa na ânsia de ouvir a Rádio e também na esperança que a RTP dissesse mais notícias do que as que já sabíamos.

Cada breve instante era em simultâneo tão longo.

Enquanto a espera durava revi familiares: meu pai, sacrificado em França no exílio com amargor de veneno; meu avô, preso vinte e cinco vezes, uma das quais no Tarrafal, donde trouxe uma tuberculose como recordação, e Alex, assassinado pela PIDE! Não havia dúvida, a minha família na luta contra o fascismo, tinha merecido o novo alvorecer. Afinal, para eles, Abril tinha sido ao longo da vida um contributo a esse mês de Abril que os jovens militares vinham no presente depor ante Portugal.

Os amigos, tantos são com vidas exemplares: o Antero Cordeiro, o Salvador Taquelim, o Campos Lima, o Vicente Campinas, todos me vinham à memória, tão intensos como o tinham sido na minha meninice. E tantos mais, como o médico do meu nascimento, o Dr. Pedro Monjardino.

Era noite quando a TV começou a passar repetidamente o que seria o Hino do MFA.

Até que foi emitido o comunicado da Junta de Salvação Nacional.

E tudo se concretizou a partir desse dia inesquecível, como a libertação dos presos políticos e o fim da Guerra Colonial, que iria ser realidade. Lembro que a 27 de Julho de 75 foi dito na TV que tinha sido encontrado um acordo entre Portugal e Angola. Exultei porque era o dia dos anos da minha avó materna, e gritei: “Que bela prenda!” E outros direitos vinham a caminho, como a Reforma Agrária, por exemplo.

E a acompanhar a nossa alegria, tínhamos a rádio que nos fazia descobrir os nossos valorosos cantores de intervenção. Nas ruas respirava-se, enfim!...

E as sessões de canto livre vinham dar ao povo, 48 anos silenciados, a voz que seria para sempre, A VOZ de ABRIL.

Este foi, enfim, O MEU ABRIL, recebido com um gosto amargo, já que no dia 25 de Abril, em Faro, nunca se conheceram os detalhes das acções desenvolvidas pelos corajosos militares. Levámos o dia inteiro a telefonar sem sucesso e o aparecimento do general Spínola ainda chegou a preocupar-nos um pouco; mas na comemoração do 1º. De Maio a conversa já era outra.